

**ANSIEDADE PRÉ-COMPETITIVA, COESÃO DE GRUPO E RESILIÊNCIA EM ATLETAS DE FUTSAL FEMININO**

Naellen Rampazzo Marenucchi<sup>1</sup>, Daniel Vicentini de Oliveira<sup>2</sup>  
 Gabriel Lucas Morais Freire<sup>3</sup>, José Roberto Andrade do Nascimento Junior<sup>3</sup>  
 Rose Mari Bennemann<sup>2</sup>, Fábio Ricardo Acencio<sup>2</sup>

**RESUMO**

**Introdução e objetivo:** O presente estudo investigou o nível de ansiedade, resiliência e coesão de grupo de atletas de uma equipe de futsal do sexo feminino uma competição de curta duração. **Materiais e Métodos:** Estudo transversal, o qual fizeram parte da pesquisa 12 jogadoras de futsal de uma equipe que disputou os Jogos Universitários Brasileiros no ano de 2017. Como instrumento foi utilizado o questionário de ansiedade pré-competitiva (CSAI-2R), a resiliência foi avaliada pela Escala de Resiliência de Connor-Davidson (CD-RISC10) e a coesão de grupo foi avaliada pelo Questionário de Ambiente de Grupo (GEQ). A análise de dados foi realizada por meio dos testes de Shapiro-Wilk, o teste de anova de medida repetidas foi utilizado para comparar os níveis de ansiedade nos jogos e o coeficiente de correlação de Spearman para verificar a correlação entre as variáveis, a significância adotada foi ( $p < 0,05$ ). **Resultados:** Os resultados obtidos evidenciam que as atletas estavam mais ansiosas no primeiro jogo em relação (44,50 vs 40,33). Embora a resiliência não tenha apresentado correlação significativa com os escores de ansiedade, nota-se que os coeficientes indicaram correlação negativa e de fraca a moderada entre as variáveis. **Conclusão:** Conclui-se que as atletas apresentaram um maior nível de ansiedade no primeiro jogo quando comparados ao demais, bem como elevados níveis de coesão de grupo e resiliência. Foi evidenciado que não há influência entre as dimensões, esse resultado pode ter sofrido influência do baixo número de participantes.

**Palavras-chave:** Futsal. Esporte universitário. Psicologia do Esporte. Esporte feminino.

1-Universidade Paranaense, Departamento de graduação em Educação Física, Brasil.

2-Centro Universitário de Maringá, Departamento de pós-graduação stricto sensu em Promoção da Saúde, Maringá, Paraná, Brasil.

**ABSTRACT**

Pre-competitive anxiety, group cohesion and residence in women's futsal athletes

**Introduction and objective:** The present study investigated the level of anxiety, resilience, and cohesion of female athletes from a female futsal team in a short competition. **Materials and Methods:** Cross-sectional study, which was part of the research 12 futsal players of a team that played in the Brazilian University Games in 2017. As instrument was used the pre-competitive anxiety questionnaire (CSAI-2R), the resilience was assessed by the Connor-Davidson Resilience Scale (CD-RISC10) and group cohesion was assessed by the Group Environment Questionnaire (GEQ). Data analysis was performed using the Shapiro-Wilk tests, the repeated measure anova test was used to compare the anxiety levels in the games and the Spearman correlation coefficient to verify the correlation between the variables, the significance adopted. was ( $p < 0.05$ ). **Results:** The results show that the athletes were more anxious in the first game compared (44.50 vs 40.33). Although resilience did not show significant correlation with anxiety scores, it is noted that the coefficients indicated negative and weak to moderate correlation between the variables. **Conclusion:** It was concluded that the athletes presented a higher level of anxiety in the first game when compared to the others, as well as high levels of group cohesion and resilience. It was evidenced that there is no influence between the dimensions, this result may have been influenced by the low number of participants.

**Key words:** Futsal. University sport. Sport Psychology. Women's sport.

3-Universidade Federal do Vale do São Francisco, Departamento de pós-graduação stricto sensu em Educação Física, Petrolina, Pernambuco, Brasil.

**INTRODUÇÃO**

A prática do futsal feminino foi reconhecida apenas no ano de 1983, sendo o primeiro evento oficial realizado no interior de São Paulo, em 1992, esse evento ficou conhecido como Taça do Brasil de clubes (Bello, 2008).

Considerando uma maior participação masculina na modalidade, torna-se necessário analisar os fatores intervenientes sobre as intensões femininas nas práticas esportivas (Mourão e Morel, 2005), dentre esses fatores os aspectos psicológicos, são de suma importância por ser um fator distinto entre a vitória e derrota (Silva e colaboradores, 2018).

Dentre estes aspectos, um dos estados emocionais mais recorrentes no esporte competitivo é a ansiedade é definida como um estado emocional negativo que se caracteriza por pensamentos de nervosismo, preocupação e apreensão, associados com sensações físicas (Martens, Vealey e Burton, 1990; Nascimento, Bahiana e Nunes-Junior, 2012).

A Teoria Multidimensional da Ansiedade Competitiva composta por três componentes; o primeiro componente é o cognitivo, que envolve pensamentos e dúvidas sobre o seu próprio desempenho e sobre a ocasião competitiva, bem como um julgamento de si mesmo.

O segundo componente consiste numa perturbação somática, que é caracterizada por sensações fisiológicas de excitação, como aumento da sudorese, batimentos cardíacos e tensão muscular, alteração na respiração e frio no estômago. E a terceira dimensão é designada como autoconfiança, que é a crença por parte do indivíduo nas suas capacidades para obter um desempenho positivo (Martens, Vealey e Burton, 1990).

Outra perspectiva aponta que existe um intervalo conhecido como zona ótima de funcionamento, indicando que se os atletas alcançarem certo nível de ansiedade, será atingido um ótimo desempenho durante a competição (Hanin, 2000).

Brandão, Mahfoud e Nascimento (2011) afirmam que devido ao treinamento e competições, os constructos psicológicos e fisiológicos afetam as características individuais dos atletas e os fatores ambientais do grupo.

Desta forma, o ambiente de grupo está diretamente relacionado ao bem-estar,

desempenho e realização de tarefas com maior eficácia, a coesão de grupo é um processo multidimensional e um aspecto fundamental para o sucesso de uma equipe esportiva (Carron e Brawley, 2000; Eys, Bruner e Martin, 2018; Eys e colaboradores, 2015).

Segundo o modelo Modelo Conceitual de Coesão de Grupo proposto por Carron, Widmeyer e Brawley, (1985), a coesão é como um processo dinâmico constituído por aspectos sociais e de tarefa, retratado na tendência do grupo em estar e permanecer unidos em busca dos objetivos e da satisfação das necessidades afetivas dos membros.

A literatura científica tem relacionado a coesão de grupo com o perfeccionismo (Nascimento Junior e colaboradores, 2017), a liderança (Nascimento Junior e Vieira, 2013), a ansiedade (Paes e colaboradores, 2017), a satisfação atlética (Nascimento Junior e colaboradores, 2011), o estresse (Balbim, Nascimento Junior e Vieira, 2012) e a motivação (Nascimento Junior e colaboradores, 2019).

Dessa forma, alguns estudos relatam que os esforços realizados pelos atletas para superar as adversidades do contexto esportivo podem influenciar positivamente o enfrentamento desses aspectos (Belem e colaboradores, 2014; Fletcher e Sarkar, 2012).

Nesta perspectiva, os atletas que apresentam índices considerados ideais de resiliência conseguem enfrentar situações adversas decorrentes de sua prática esportiva, como desafios e pressões, de modo mais saudável, mantendo a motivação para a realização da tarefa e o bom funcionamento psicológico (Pons e colaboradores, 2018; Rice e colaboradores, 2019).

Nesse sentido, a resiliência apresenta relação positiva com a autoestima e as relações afetivas, consideradas como fatores protetivos do indivíduo (Sarkar e Fletcher, 2014; Sarkar, 2017).

Os atletas que se sentem apoiados na sua tarefa pelos seus treinadores sentem-se mais motivados, capazes e respondem de modo resiliente a situações adversas no contexto esportivo (Belem e colaboradores, 2014; White e Bennie, 2015).

Com isso, a investigação a respeito de variáveis psicológicas no contexto do esporte feminino de alto rendimento torna-se relevante para evidenciar mais informações sobre a importância das mesmas no futsal, que é uma

modalidade que tem aumentado o número de praticantes entre as mulheres.

Sendo assim, o objetivo do presente estudo é investigar o nível de ansiedade, resiliência e coesão de grupo de atletas de uma equipe de futsal do sexo feminino uma competição de curta duração.

## MATERIAIS E MÉTODOS

### Amostra

Amostra selecionada de forma intencional e por conveniência (não probabilística). Participaram do estudo 12 atletas do futsal feminino, de uma equipe que disputaram os Jogos Universitários Brasileiros, que aconteceu no final do ano de 2017.

Para a inclusão na pesquisa, foram utilizados os seguintes critérios: apresentar idade mínima de 18 anos e ter disputado pelo menos três jogos da competição (Jogos Universitários Brasileiros).

### Instrumentos

Para avaliar a ansiedade pré-competitiva, utilizou-se a versão brasileira do CSAI-2R (Fernandes e colaboradores, 2013). Este instrumento é composto por 17 itens que medem três dimensões: ansiedade cognitiva (itens 1, 4, 6, 8, 12 e 17), ansiedade somática (itens 2, 5, 9, 11, 13 e 15) e autoconfiança (itens 3, 7, 10, 14 e 16). Sendo avaliada em uma escala Likert de 4 pontos, variando de 1 (nada) a 4 (muito).

A resiliência foi avaliada pela versão brasileira da Escala de Resiliência de Connor-Davidson (CD-RISC10) (Lopes e Martins, 2011). O instrumento é composto por 10 itens, com escala Likert de 0 a 4 pontos, avaliando a percepção dos sujeitos quanto a sua capacidade de adaptação a mudanças, superação de obstáculos, dar a volta por cima após doenças, lesões ou outras dificuldades. Sua pontuação varia entre 0 a 40 pontos, sendo que quanto mais próximo de 40, maior é a capacidade de resiliência do atleta.

A coesão de grupo foi avaliada pelo Questionário de Ambiente de Grupo (GEQ), que é composto por 16 itens que avaliam a coesão de grupo em equipes esportivas. Os itens são distribuídos em quatro dimensões (Integração no Grupo-Tarefa, Integração no Grupo-Social, Atração Individual para o Grupo - Tarefa e Atração Individual para o Grupo-Social), sendo as afirmações respondidas

numa escala tipo Likert de nove pontos que variam de “discordo totalmente” (1) a “concordo totalmente” (9). As pontuações mais altas significam valores mais elevados de coesão em cada uma das dimensões (Nascimento Junior e colaboradores, 2012).

### Procedimentos

Tratou-se de uma pesquisa descritiva, de corte transversal, autorizada e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos – CEP (parecer nº 2.852.110), todas as atletas que aceitaram participar assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE, que tratava sobre seus procedimentos permitindo a utilização dos dados em pesquisa e estando cientes do caráter voluntário da participação. Todas as atletas responderam aos questionários individualmente no vestiário 30 minutos antes do início do aquecimento para os jogos, aplicado por um dos pesquisadores.

### Análise dos Dados

A análise preliminar dos dados foi realizada por meio do teste de normalidade de Shapiro-Wilk. Como foi evidenciada a normalidade dos dados, a estatística descritiva foi apresentada pela média ( $\bar{x}$ ) e desvio padrão (DP).

O teste de anova de medida repetidas foi utilizado para comparar os níveis de ansiedade nos jogos. Foi utilizado o coeficiente de correlação de Spearman para verificar a correlação entre as variáveis. A significância adotada foi de  $p < 0,05$ . Todas as análises foram efetuadas no software SPSS 23.0.

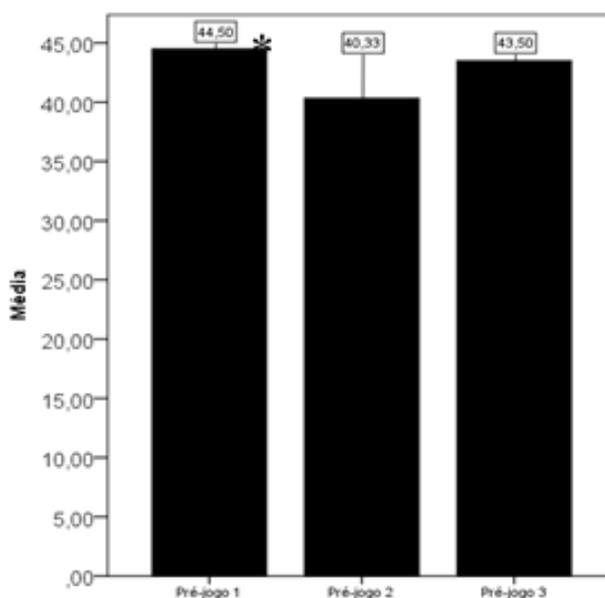
## RESULTADOS

Os resultados apresentados na Tabela 1 demonstram que os valores reportados sobre a percepção de ansiedade variaram de 25 a 66 e os valores de assimetria e kurtose variaram entre -1,46 e 0,58, respectivamente, em relação as médias os valores encontraram variaram entre 40,33 e 44,50. Em relação a resiliência os valores foram de 18 e 35 e os valores de assimetria e curtose -0,56 e 0,79 respectivamente, a média foi de 27,25. Em relação a coesão de grupo os valores médios variaram entre 1 e 5,25, -1,76 para assimetria e -1,12 para curtose e as medias variaram entre 2,16 e 4,70.

**Tabela 1** - Valores descritivos (mínimo, máximo, média, desvio padrão, assimetria e curtose e distribuição das variáveis de dados).

Variáveis	Mínimo	Máximo	x (dp)	Assimetria	Curtose
Ansiedade Jogo 1	35,00	58,00	44,50 (7,68)	0,58	-0,93
Ansiedade Jogo 2	34,00	49,00	40,33 (5,38)	0,58	-1,46
Ansiedade Jogo 3	25,00	66,00	43,50 (12,01)	0,21	-0,00
Resiliência	18,00	35,00	27,25 (4,47)	-0,56	0,79
IGT	2,60	6,20	4,70 (1,23)	-0,39	-1,17
IGS	1,00	5,25	3,16 (1,22)	-0,04	-0,47
AIT	1,00	4,00	2,16 (1,09)	0,56	-1,12
AIS	1,60	5,00	3,94 (0,86)	-1,76	4,28

**Legenda:** X= média; DP= desvio padrão; AIT = Atração Individual para o Grupo-Tarefa; IGT = Integração para o grupo-Tarefa; AIS = Atração Individual para o Grupo-Social; IGS = Integração para o Grupo-Social.

**Figura 1** - Nível de ansiedade pré-competitiva dos três jogos da equipe.**Tabela 2** - Correlação entre as subescalas de ansiedade, resiliência e coesão de grupo das jogadoras de futsal.

Variáveis	1	2	3	4	5	6	7	8
1. Ansiedade 1		0,81**	0,68**	0,09	-0,36	-0,09	0,30	-0,41
2. Ansiedade 2			0,77**	0,29	-0,21	0,17	0,18	-0,51
3. Ansiedade 3				0,24	-0,01	0,32	-0,08	-0,34
4. Resiliência					0,30	0,48	-0,39	-0,09
5. GI-T						0,16	0,87**	-0,00
6. GI-S							0,01	0,02
7. AI-T								-0,05
8. AI-S								

**Legenda:** Correlação significativa: \*\*p<0,01; \*p<0,05. Correlação de Spearman.

Na figura 1, pode-se observar os valores de ansiedade pré-competitiva dos três jogos da equipe futsal feminina, os quais indicam diferença significativa ( $p<0,05$ ) entre o jogo 1 e o jogo 2 ( $p=0,004^*$ ). Destaca-se que as atletas estavam mais ansiosas no primeiro jogo em relação (44,50 vs 40,33).

Ao analisar a correlação entre os escores de ansiedade pré-competitiva nos três

jogos, a resiliência e as dimensões de coesão de grupo (Tabela 2), verificou-se correlação significativa ( $p<0,05$ ) e positiva apenas entre a ansiedade 1 com ansiedade 2 ( $r = 0,81$ ) e ansiedade 2 com a ansiedade 3 ( $r = 0,77$ ), além da correlação positiva entre IGT e AIT ( $r = 0,87$ ).

Embora a resiliência não tenha apresentado correlação significativa com os

escores de ansiedade, nota-se que os coeficientes indicaram correlação negativa e de fraca a moderada entre as variáveis.

## DISCUSSÃO

O presente estudo investigou os níveis de ansiedade, resiliência e coesão de grupo de atletas de uma equipe de futsal feminino durante uma competição de curta duração.

Vale destacar que até o presente momento não foram encontradas evidências sobre essas variáveis nesta população, demonstrando assim a relevância do presente achado e demonstrando que são necessárias mais provas científicas sobre o papel das variáveis psicológicas no contexto do esporte feminino. Os principais achados do estudo foram que as atletas se perceberam mais ansiosas no primeiro jogo em relação as outras partidas (Figura 1).

Além disso, não foi encontrada correlação significativa entre as variáveis abordadas (Tabela 2).

Tais evidências permitem a compreensão que a não associação entre a resiliência e ansiedade (Tabela 3), permite afirmar que a resiliência é uma habilidade pessoal de se adaptar com sucesso ao estresse agudo ou crônico (Sarkar e Fletcher, 2014).

Esses achados corroboram com os de Feder, Nestler e Charney, (2009), indicando que os atletas com maiores níveis de resiliência apresentam maior controle de humor, ansiedade e comportamentos negativos da prática esportiva (Cevada e colaboradores, 2012).

Tal achado pode estar relacionado ao fato que a que a resiliência no atleta pode estar associada à sua capacidade de enfrentar problemas e procurar um suporte social, devido ao fato de precisarem estar preparados para enfrentar os desafios e exigências oriundas do esporte (Sarkar e Fletcher, 2014; Brown, Butt e Sarkar, 2019).

Na comparação entre os níveis de ansiedade entre os jogos da equipe (Figura 1), observou-se que as atletas se sentiram mais ansiosas no primeiro jogo em relação aos demais.

Tal achado vai ao encontro da Teoria Multidimensional da Ansiedade Competitiva (Martens, Vealey e Burton, 1990), que ressalta que a ansiedade tende a diminuir conforme o atleta aumenta a experiência na tarefa.

Além disso, a ansiedade competitiva possui estreita relação com o estresse (Fernandes e colaboradores, 2013).

Logo, atletas que percebem a competição como evento estressor comumente demonstram maior magnitude de ansiedade competitiva.

Tendo em vista o crescimento de praticantes de futsal feminino no Brasil, os resultados demonstram que as atletas estavam apresentaram bons níveis de resiliência e coesão de grupo, com base nas pontuações médias (Tabela 1).

Tal achado pode estar relacionado ao fato das experiências positivas vivenciadas entre treinadores e atletas, as quais estimulam o desenvolvimento de habilidades pessoais e sociais (Vieira e colaboradores, 2018).

Sendo assim, deve-se levar em conta que há outras modalidades, que não foram exploradas neste trabalho, que podem ser igualmente ou superior para comparar as médias de coesão de grupo e resiliência em modalidades de esporte feminino.

Por fim, apesar da contribuição para literatura esse estudo apresenta algumas limitações que precisam ser destacadas.

Primeiro, por se tratar de um estudo transversal. Segundo os dados obtidos permitem correlações entre variáveis, mas não inferências de causalidade, o que é uma das limitações da pesquisa.

Além disso, a quantidade de participantes não permitiu algumas comparações, como, por exemplo, níveis de ansiedade entre diferentes posições (ataque x defesa); faixa etária (mais novas e mais velhas); times (vencedor x perdedor) e entre outras modalidades.

Dessa forma, futuras investigações devem realizar estudos longitudinais, os quais possam fazer diversas medidas de ansiedade competitiva, resiliência e coesão de grupo em diferentes campeonatos, com diferentes contextos.

## CONCLUSÃO

Por meio dos resultados obtidos, as atletas apresentaram um maior nível de ansiedade no primeiro jogo quando comparados ao demais, bem como elevados níveis de coesão de grupo e resiliência. Foi evidenciado que não há influência entre as dimensões, esse resultado pode ter sofrido influência do baixo número de participantes.

Do ponto de vista prática, a ampliação do conhecimento a respeito das atletas com o levantamento de dados para otimização do programa de treinamento, beneficiando as atletas e responsáveis pela equipe para a percepção sobre os trabalhos realizados relacionados ao desempenho.

Recomenda-se mais estudos sobre o tema com intuito de otimizar e aperfeiçoar o treinamento para o futsal feminino no país.

## REFERÊNCIAS

- 1-Balhim, G.M.; Nascimento Junior, J.R.A.; Vieira, L.F. Analysis of group cohesion levels and pre-competitive psychological stress in volleyball athletes. *Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano*. Vol. 14. Núm. 6. 2012. p. 704-712.
- 2-Belem, I.C.; Caruzzo, N.M.; Nascimento Junior, J.R.; Vieira, J.L.; Vieira, L.F. Impact of coping strategies on resilience of elite beach volleyball athletes. *Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano*. Vol. 16. Núm. 4. 2014. p. 447-455.
- 3-Bello, N.; Alves, U.S. *Futsal: conceitos modernos*. São Paulo. Phorte. 2008.
- 4-Brandão, J.M.; Mahfoud, M.; Gianordoli-Nascimento, I.F. A construção do conceito de resiliência em psicologia: discutindo as origens. *Paidéia*. Vol. 21. Núm. 49. 2011. p. 263-71.
- 5-Brown, C.J.; Butt, J.; Sarkar, M. Overcoming Performance Slumps: Psychological Resilience in Expert Cricket Batsmen. *Journal of Applied Sport Psychology*. Vol. 15. 2019. p.1-20.
- 6-Carron, A.V.; Brawley, L.R. Cohesion: Conceptual and measurement issues. *Small Group Research*. Vol. 31. Núm. 1. 2000. p. 89-106.
- 7-Carron, A.V.; Widmeyer, W.N.; Brawley, L.R. The development of an instrument to assess cohesion in sport teams: The Group Environment Questionnaire. *Journal of Sport and Exercise psychology*. Vol. 7. Núm. 3. 1985. p. 244-66.
- 8-Cevada, T.; Cerqueira, L.S.; Moraes, H.S.; Santos, T.M.; Pompeu, F.A.; Deslandes, A.C. Relação entre esporte, resiliência, qualidade de vida e ansiedade. *Archives of Clinical Psychiatry*. Vol. 39. Núm. 3. 2012. p. 85-89.
- 9-Eys, M.; Bruner, M.W.; Martin, L. J. The dynamic group environment in sport and exercise. *Psychology of Sport and Exercise*. Vol. 42. 2018. p. 40-47.
- 10-Eys, M.; Evans, M.B.; Martin, L.J.; Ohlert, J.; Wolf, S.A.; Van Bussel, M.; Steins, C. Cohesion and performance for female and male sport teams. *The Sport Psychologist*. Vol. 29. Núm. 2. 2015. p. 97-109.
- 11-Feder, A.; Nestler, E.; Charney, D. Psychobiology and molecular genetics of resilience. *Nature Reviews Neuroscience*. Vol. 10. Núm. 6. 2009. p. 446-457.
- 12-Fernandes, M.G.; Nunes, S.A.; Raposo, J.V.; Fernandes, H.M.; Brustad, R. The CSAI-2: An examination of the instrument's factorial validity and reliability of the intensity, direction and frequency dimensions with Brazilian athletes. *Journal of Applied Sport Psychology*. Vol. 25. Núm. 4. 2013. p. 377-391.
- 13-Fletcher, D.; Sarkar, M. A grounded theory of psychological resilience in Olympic champions. *Psychology of sport and exercise*. Vol. 13. Núm. 5. 2012. p. 669-78.
- 14-Hanin, Y.L. Individual Zones of Optimal Functioning (IZOF) Model: Emotion-performance relationship in sport. In Hanin, Y.L. (Ed.). *Emotions in sport*. Champaign, IL. US. Human Kinetics. 2000.
- 15-Lopes, V.R.; Martins, M.D. Validação fatorial da escala de resiliência de Connor-Davidson (Cd-Risc-10) para brasileiros. *Revista Psicologia: Organizações e Trabalho*. Vol. 11. Núm. 2. 2011. p. 36-50.
- 16-Martens, R.; Vealey, R.S.; Burton, D. *Competitive anxiety in sport*. Human kinetics. 1990.
- 17-Mourão, L.; Morel, M. As narrativas sobre o futebol feminino o discurso da mídia impressa em campo. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Vol. 26. Núm. 2. 2005. p. 73-86.
- 18-Nascimento Junior, J.R.; Granja, C.T.; Silva, A.A.; Fortes, L.D.; Gonçalves, M.P.; Oliveira, D.V.; Fiorese, L. Association between basic psychological needs of the self-

determination theory and perception of group cohesion among high-performance futsal athletes. *Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano*. Vol. 21. 2019. p.e57369.

19-Nascimento Junior, J.R.; Vieira, L. F. Group cohesion and coach leadership based on the competitive level of teams in the context of Paraná's indoor soccer. *Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano*. Vol. 15. Núm. 1. 2013. p.89-102.

20-Nascimento Junior, J.R.; Vissoci, J.R.; Lavallee, D.; Codonato, R.; Nascimento, J.V.; Vieira, L. F. The mediating role of basic needs satisfaction on the relationship of perfectionism traits and team cohesion among elite futsal athletes. *International Journal of Sport Psychology*. Vol. 48. Núm. 6. 2017. p.591-609.

21-Nascimento Junior, J.R.A.; Vieira, L. F.; Rosado, A.F.B.; Serpa, S. Validação do Questionário de Ambiente de Grupo (GEQ) para a língua portuguesa. *Motriz*. Vol. 18. Núm. 4. 2012. p. 770-782.

22-Nascimento Junior, J.R.A.; Vieira, L.F.; Souza, E.A.; Vieira, J.L.L. Nível de satisfação do atleta e coesão de grupo em equipes de futsal adulto. *Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano*. Vol. 13. Núm. 2. 2011. p.138-44.

23-Nascimento, F.C.; Bahiana, F.F.; Nunes-Junior, P.C. A ansiedade em atletas de ginástica artística em períodos de pré-competição e competição. *Revista brasileira de Fisiologia do Exercício*. Vol. 11. Núm. 2. 2012. p. 73-79.

24-Paes, M.J.; Amaral Machado, T.; Berbetz, S.R.; Stefanello, J. M. Frequência, intensidade e direção da ansiedade e sua relação com a coesão grupal em uma equipe de voleibol infante-juvenil masculina. *Revista Brasileira de Psicologia do Esporte*. Vol. 6. Núm. 3. 2017.

25-Pons, J.; Viladrich, C.; Ramis, Y.; Polman, R. The Mediating Role of Coping between Competitive Anxiety and Sport Commitment in Adolescent Athletes. *The Spanish Journal of Psychology*. Vol. 21. e7. 2018. p. 1-8.

26-Rice, S.M.; Gwyther, K.; Santesteban-Echarri, O.; Baron, D.; Gorczynski, P.; Gouttebauge, V.; Reardon, C.L.; Hitchcock,

M.E.; Hainline, B.; Purcell, R. Determinants of anxiety in elite athletes: a systematic review and meta-analysis. *British Journal of Sports Medicine*. Vol. 53. Núm. 11. 2019. p. 722-730.

27-Sarkar, M. Psychological resilience: Definitional advancement and research developments in elite sport. *IJSPW*. Vol. 1. 2017. p. 1-4.

28-Sarkar, M.; Fletcher, D. Psychological resilience in sport performers: a review of stressors and protective factors. *Journal of Sports Sciences*. Vol. 14. Núm. 32. 2014. p. 1419-1434.

29-Silva, L.L.; Aniceto, R.R.; Oliota-Ribeiro, L.S.; Batista, G.R.; Silva, R.M.; Socorro, C.S.M.; Macêdo, J.O. Perfil de estados de humor em atletas de basquetebol entre competições e posições de jogo. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*. Vol. 26. Núm. 3. 2018. p.141-147.

30-Vieira, L.F.; Pizzo, G.C.; Contreira, A.R.; Lazier-Leão, T.R.; Moreira, C.R.; Rigoni, P.A.; Nascimento Junior, J.R.A. Associação entre motivação e coesão de grupo no futebol profissional: o relacionamento treinador-atleta é um fator determinante? *Revista de Psicología del Deporte*. Vol. 27. Núm. 4. 2018. p. 51-57.

31-White, R.L.; Bennie, A. Resilience in youth sport: A qualitative investigation of gymnastics coach and athlete perceptions. *International Journal of Sports Science & Coaching*. Vol. 10. Núm. 2-3. 2015. p. 379-93.

E-mail dos autores:

naellen.m@edu.unipar.br

bi88el@gmail.com

jroberto.jrs01@gmail.com

rose.bennemann@gmail.com

fabioacencio@hotmail.com

Recebido para publicação em 30/10/2019

Aceito em 25/03/2020